

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 8 DE MARÇO DE 1996

*Senador Artur da Távola; Senhores Convencionais; Meus Companheiros;*

Agradeço muito esta visita. Expressei efetivamente ao Presidente do PSDB o meu desejo de estar com todos os companheiros, pela minha impossibilidade de sair hoje para assistir diretamente às deliberações, porque estou às vésperas de uma viagem ao Japão, aonde vou amanhã cedo.

Mas me deixa muito tranqüilo o fato de o Partido estar entendendo o momento, estar cada vez mais firme no combate pelas nossas convicções e também estar com a tranqüilidade de que nós temos hoje uma ampla aceitação popular. Isso eu acho que é indiscutível. Estamos no caminho certo, estamos com força, respeitando, naturalmente, as convicções de cada um, dentro da democracia, como foi aqui ressaltado. Aliás, não agiríamos de outra maneira, gente como nós, com a nossa história.

O fato é que estamos conseguindo mudar o Brasil. Ainda ontem, um senador, que é da oposição, homem correto, dizia-me que tem a certeza de que estamos fazendo uma revolução branca no Brasil. Fi-

quei feliz de ouvir de um ilustre representante da oposição uma expressão desse porte, porque eu acredito nisso: estamos fazendo uma revolução branca no Brasil, estamos mudando diferentes aspectos da vida brasileira.

Nem sempre a mudança pode ser, em si mesma, considerada uma coisa boa, mas estamos mudando para o lado bom, aumentando as condições de equidade, garantindo melhores condições de participação na sociedade. Fizemos a maior distribuição de renda que já houve na história do Brasil, pelo menos na história recente do Brasil – não me lembro de outra –, através do Plano Real. Isso é visível, hoje, pelo consumo das camadas de mais baixa renda da população. Não estamos deixando nenhum setor da sociedade sem tratar de questioná-lo para ver se é possível melhorar.

E estamos fazendo isso para quê? Para aumentar a produção, para aumentar o bem-estar. Estamos conseguindo aumentar a produção. Os desafios eram imensos. Dizia-se que era impossível conter a inflação sem produzir recessão. Nós não temos recessão. Podemos dizer, com toda a tranquilidade, que estamos com uma taxa de crescimento ainda moderada porque estamos mexendo nos fundamentos da nossa economia, mas não temos recessão; pelo contrário: estamos fazendo com que haja condições para promover a indústria, para promover o empresariado nacional e, também, para que os trabalhadores assalariados em geral participem desse processo.

Não é primeiro crescer para depois distribuir, como se dizia no passado. Não! Nós estamos crescendo e, ao mesmo tempo, distribuindo renda e atendendo às questões sociais que estamos colocando, como na educação. Está aqui o Ministro da Educação, que é do PSDB, fazendo um excelente trabalho, que é por todos louvado. Os demais ministérios da área social estão se ajustando também à mesma idéia de transformação.

As reformas são necessárias para o País. Tenho tranquilidade quanto às reformas. Eu confio no Congresso Nacional. Quem foi parlamentar tantos anos como eu conhece os vaivens da vida parlamentar: o Congresso um dia é uma coisa, outro dia é outra, mas, de

qualquer maneira, sempre em um rumo, e o rumo é o da mudança, porque o País quer mudança, o povo quer mudança. Não é o Presidente que está impondo nada. Aliás, pelo contrário: todas as mudanças têm sido amplamente negociadas.

Não creio que haja muitos exemplos de tanta negociação com a sociedade e com os partidos, quaisquer que sejam, como o dessas reformas que estamos levando adiante no Congresso, com absoluta disposição de ouvir o ponto de vista de quem quer que seja, desde que venha com argumentos, desde que não seja um disparate e desde que tenha em mira o interesse da maioria, o interesse do povo brasileiro.

Acho que as reformas vão continuar. Vamos ter, daqui a algum tempo, nova oportunidade de fazer com que efetivamente a Previdência Social diminua – se não puderem acabar – os privilégios, que são muitos. São muitos. Esse é o objetivo da reforma que temos que passar para o País, dando exemplos do por quê estamos reformando. Estamos reformando para assegurar a possibilidade de a maioria do País, num futuro, ter aposentadoria; para que o sistema não entre em processo de crise financeira, por causa das distorções enormes de certos setores privilegiados da estrutura social brasileira.

Esse é o sentido da reforma, que tem de passar com esse sentido. E não nos deixaremos, de alguma maneira, ser surpreendidos por algumas afirmações que não correspondem nem ao nosso desejo nem à realidade e, que às vezes, por razões políticas, atropelam o nosso objetivo e confundem a consciência da população.

Evidentemente que um governo responsável tem de olhar para o futuro. Isto eu disse um milhão de vezes: que a reforma da Previdência, essa que está lá, não vai beneficiar em nada o governo atual. Nada. Não dá tempo, não é para este governo, mas vai, sim, assegurar a possibilidade de aposentadorias decentes no futuro; vai, sim, permitir que, mais tarde, possamos fazer as aposentadorias complementares e melhorar a capacidade de capitalização do País; e, vai, sim, dar um horizonte de desenvolvimento econômico que é fundamental.

Se os senhores prestarem atenção ao que aconteceu nesses últimos dias nos títulos brasileiros no exterior, vão ver que uma pequena

movida aqui, que não tenha sido feita com a cautela necessária, deruba os títulos brasileiros no exterior. Os investidores já pensam: “O que aconteceu?” E, muitas vezes, as pessoas que fazem isso cantam o Hino Nacional, quando deviam estar chorando de tristeza pela irresponsabilidade cometida.

A palavra demagógica ou a emoção fácil não substitui a razão consciente, não substitui a necessidade de a gente argumentar e explicar realmente o que interessa a este país, que não é simplesmente a demagogia: é criar condições de maior tranquilidade.

Mas, repito: são momentos que passam. Nós vamos continuar nas reformas, vamos ganhar as reformas. Eu conto com o PSDB. Quero o PSDB unânime neste momento, porque não é com o Governo, não é com o Presidente da República: é com o Brasil. O partido há de ser, mesmo, o esteio das reformas. Não é o único. Quero agradecer aos demais partidos que nos têm ajudado, e alguns deles, muito. Mas o nosso tem que ser o partido que dá realmente ao País aquele sentimento de que o partido ao qual pertence o Presidente da República não está falhando com o povo. Tem convicção, tem coragem e tem competência.

Eu agradeço a vocês porque vocês simbolizam isso.

Muito obrigado.

*(Um interlocutor não identificado): (Inaudível)*

*Presidente:* Como eu disse há pouco, eu vou para o Japão amanhã. Vou com muita tranquilidade porque nós vamos fazer uma viagem importante para o Brasil, para mais investimentos, para mais conhecimento do que nós estamos fazendo aqui – e há uma disposição muito favorável da economia japonesa. Tenho certeza de que vamos continuar no nosso caminho aqui com toda tranquilidade. Digo isso por uma razão: eu não vou me despedir de um por um porque tenho hoje, ainda, uma série de ações importantes e estou com a agenda muito atrasada.

Mas sintam-se com a mão apertada pela humilde mão do Presidente.

Muito obrigado.